

UMA INQUESTIONÁVEL E INCONVENIENTE VERDADE FACTUAL

UNA INCUESTIONABLE E INCÓMODA VERDAD FACTUAL

AN UNQUESTIONABLE AND INCONVENIENT FACTUAL TRUTH

Obra resenhada/reseñada:

BUCCI, Eugênio. Existe democracia sem verdade factual? Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019.



Edgard Rebouças

■ Professor na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e coordenador do Observatório da Mídia: direitos humanos, políticas, sistemas e transparência. Doutor em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Atua nas áreas de Indústrias Culturais e Midiáticas, Ética e Direitos Humanos na Comunicação.

■ E-mail: edgard.reboucas@ufes.br

RESUMO

Um fenômeno que tem ganhado muito espaço nos tempos atuais – a proliferação de desinformação e notícias falsas – já é analisado por estudiosos da Comunicação há muitas décadas, e faz parte dos processos sociais há séculos. É isso que destaca Eugênio Bucci neste estudo aqui resenhado, em um diálogo que trava com a obra “Verdade e Política”, de Hannah Arendt. O livro faz parte de uma nova coleção que resgata a necessária tradição da propedêutica para o avanço do pensamento científico.

PALAVRAS-CHAVE: DESINFORMAÇÃO; NOTÍCIA FALSA; VERDADE FACTUAL; JORNALISMO; HANNAH ARENDT

RESUMEN

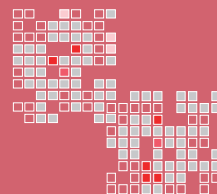
Un fenómeno que ha ganado mucho espacio en la actualidad – la proliferación de desinformación y noticias falsas –, ha sido analizado por los estudiosos de la comunicación hacen muchas décadas y ha tenido parte de los procesos sociales durante siglos. Esto es lo que destaca Eugênio Bucci en este estudio aquí reseñado, en un diálogo que interactúa con la obra de Hannah Arendt “Verdade e Política”. El libro forma parte de una nueva colección que rescata la necesaria tradición de la propedéutica para el avance del pensamiento científico.

PALABRAS CLAVE: DESINFORMACIÓN; NOTICIAS FALSAS; VERDAD FÁCTICA; PERIODISMO; HANNAH ARENDT

ABSTRACT

A phenomenon that has gained a lot of space nowadays – the proliferation of misinformation and fake news – has been analyzed by communication scholars for many decades, and has been part of social processes for centuries. This is what highlights Eugênio Bucci in this study reviewed here, in a dialogue that he interacts with Hannah Arendt's work “Truth and Politics”. The book is part of a new collection that rescues the necessary tradition of propaedeutics for the advancement of scientific thought.

KEYWORDS: MISINFORMATION; FAKE NEWS; FACTUAL TRUTH; JOURNALISM; HANNAH ARENDT



Um famoso seriado dos anos 1990 trazia como epígrafe: “A verdade está lá fora”¹. Mas, diante dos acontecimentos políticos mais recentes, sobretudo no Brasil e nos Estados Unidos, a mesma frase poderia se tornar um epitáfio para ambos os países. São tantas mentiras, desfaçatezes e dissimulações utilizadas como discursos e disse-me-disse de seus governantes e seguidores, que está cada vez mais difícil para seus cidadãos distinguirem em que(m) acreditar. E nos dois casos a sociedade está visceralmente dividida.

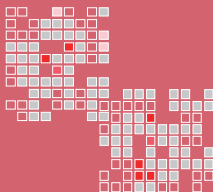
Para quem não apenas consome, como trabalha com os processos comunicacionais e informacionais, tal disputa lança desafios de procedimentos e análises que servem para mostrar o quão necessário é o nosso papel, em favor de algum esclarecimento; já que o excesso de informações rasteiras que inundam os dispositivos midiáticos só colabora para deixar os caminhos do conhecimento mais opacos. É uma constante perpetuação da dialética do iluminismo, onde aqueles que se favorecem são apenas os proprietários dos meios de comunicação, que faturam com o fluxo informacional, pouco lhes importando sobre a veracidade dos conteúdos.

São tantas possibilidades de abordagens teóricas e metodológicas sobre vários “novos” conceitos, que aqueles que fazem pesquisa a sério têm dificuldade em competir com as “análises” proferidas por alguns gurus de plantão. Resgatando alguns desses “neologismos”, há o mais famoso deles: *Fake News*, mais diretamente: **Notícias Falsas**. Só que não! Não se trata da simples **Barrigada**, **Erro** ou **Mentira** de outras épocas. Há todo um jogo de **Desinformação**, **Subinformação**, **Informação Fraudulenta** e **Falsidade** por trás de tudo isso.

Alguns passaram a se referir a **Pós-verdades** e a **Fatos Alternativos**, no entanto, nos anos 1940, o jornalista e escritor George Orwell (1984) já havia enquadrado tudo isso nas estratégias de **Manipulação** da informação e do conhecimento, em sua “ficção” 1984, com os termos **Novilíngua** e **Duplipensar**. Coincidentemente – mas não casualmente –, todas essas expressões ressurgiram a partir da ascensão e construção do discurso de **Propaganda** em torno dos **Mitos** Donald Trump e Jair Bolsonaro em suas campanhas eleitorais de 2016 e 2018.

Como, então, não cair nas armadilhas da velocidade e da perversidade dos acontecimentos? A melhor forma de responder a estas e outras indagações conceituais é consultar fontes acadêmicas confiáveis. E, para colaborar com isso, a editora Estação das Letras e Cores lançou em 2019 a Coleção Interrogações. Sob a coordenação de Lucia Santaella, já foram editados quatro títulos na área da Comunicação: *Existe democracia sem verdade factual?*, de Eugênio Bucci (objeto desta resenha); *A pós-verdade é verdadeira ou falsa?*, da própria

1 “The Truth is out There”, da série “Arquivo X”, produzida pela Fox e exibida originalmente entre 1993 e 2002, com mais duas temporadas como minissérie entre 2016 e 2018.



Lucia Santaella; A crise do jornalismo tem solução?, de Rogério Christofolletti; e Games viciam. Fato ou ficção?, de Ivelise Fortim, Daniel Sritzer e Maria Thereza Limas. E mais três títulos de Filosofia: Será a condição humana uma monstruosidade?, A Inteligência artificial irá suplantar a inteligência humana? e Os avanços da ciência podem acabar com a filosofia?.

Resgatando uma tradição da propedêutica, com apontamentos introdutórios bem fundamentados, sistematizados e críticos, a Coleção Interrogações, segundo sua coordenadora, se propõe a discutir questões candentes que desafiam a sociedade, entremeando vieses políticos, culturais, tecnológicos, psíquicos e educacionais.

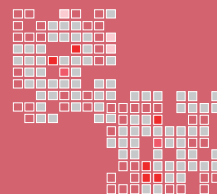
Em um momento em que muitos se contentam com respostas rápidas e compiladas de mecanismos online como a *Wikipedia*, é sempre bom lembrar o quanto somos carentes de Enciclopédias, citando apenas dois casos brasileiros como a coleção Primeiros Passos, da Brasiliense; e a série Princípios, da Ática.

A Primeiros Passos, notabilizada nos anos 1980, lançou 312 títulos, vários deles disponíveis para livre acesso, sendo o mais lido: O que é Ideologia, de Marilena Chaui. Iniciando com O que é Socialismo e O que é Comunismo, ambos de Arnaldo Spindel; proveu pensamentos iluministas como os de Caio Prado Júnior, Frei Betto, Florestan Fernandes, Rubem Alves, Antonio Houais, entre tantos outros. Mas para ficar apenas no campo da Comunicação, dá para citar Teixeira Coelho (Indústria Cultural, Utopia e Ação Cultural), Jean Claude Bernadet (Cinema), Clovis Rossi (Jornalismo), Sônia Luyten (História em Quadrinhos), Juan Díaz Bordenave (Comunicação e Participação), e a própria Lucia Santaella (Semiótica). E, por algum acaso do destino, o jovem Eugênio Bucci atuou como editor na Brasiliense na época da Primeiros Passos.

Já a série Princípios, também limitando aqui ao campo da Comunicação, teve títulos de fundamental importância, como O Signo e Teoria da Informação, ambos de Isaac Epstein; Linguagem e Persuasão, de Adilson Citelli; A Imagem, de Eduardo Veiga Jr.; Televisão e Psicanálise, de Muniz Sodré; Linguagem Jornalística e Estrutura da Notícia, ambos de Nilson Lage; A Telenovela, da Samira Campedelli; Comunicação e Cultura Brasileira, de Virgilio Noya Pinto; e Entrevista: o diálogo possível, de Cremilda Medina. Obras introdutórias e consistentes, que tanto colaboraram para a formação de toda uma geração de pesquisadores nos últimos 40 anos.

* * *

O livro Existe democracia sem verdade factual?, de Eugênio Bucci, resultada da pesquisa que realizou para defesa no concurso de professor titular da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), em 2017, e nas reflexões que sistematizou para



duas conferências com os títulos Pós-fatos, pós-imprensa, pós-política: a democracia e a corrosão da verdade, em 2017, e Em defesa da verdade factual: entre a “pós-verdade” excêntrica e a democracia improvável (uma segunda visita a “Verdade e Política”, de Hannah Arendt), de 2018. É exatamente com Hannah Arendt que Bucci trava um rico diálogo por quase toda a obra. Trazendo para a conversa Platão, Aristóteles, Maquiavel, Weber, Lippmann e Habermas, todos com seus pensamentos perfeitamente adaptáveis para auxiliar na compreensão dos fenômenos atuais em torno da verdade factual.

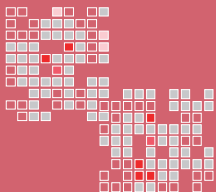
Devido à formação e à atuação jornalística do autor², o livro oferece uma leitura harmoniosa e ao mesmo tempo densa, quase em uma edição complementar do texto “Verdade e Política”, publicado pela revista *The New Yorker*, em sua edição de 25 de fevereiro de 1967³. Nele, a pensadora faz uma reflexão-resposta sobre as críticas que recebeu pela publicação de sua série de cinco reportagens sobre o julgamento do tenente-coronel nazista Adolf Eichmann, também na revista *The New Yorker*, no início de 1963⁴. Arendt fora convidada pela prestigiosa revista, famosa por suas reportagens em profundidade, como enviada especial na cobertura do julgamento ocorrido em 1961, em Jerusalém. O conflito que se deparou para narrar os acontecimentos que envolveram os quatro meses do julgamento a partir do que observou como filósofa-repórter fez com que recebesse as mais duras críticas de toda sua consolidada carreira. O que ela constatou foi que aquele homem não trazia nada da mística patológica ou antológica que fora atribuída a todos os nazistas, de “monstros”, “carcascos”, “genocidas”, “demoníacos”, e coisas do gênero. O que ela viu foi um homem comum, que cometeu todas as atrocidades durante a guerra seguindo uma quase burocracia do ofício. Ao que ela chamou de “banalidade do mal”. Por ser judia, tal observação foi considerada por muitos como uma traição.

Hannah Arendt aprendeu existencialmente o valor do trabalho do repórter e anotou que,

² Eugênio Bucci ocupou várias funções como jornalista nas redações da Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, Jornal do Brasil, Veja, Playboy e Nova Escola, tendo sido diretor de redação das revistas Superinteressante e Quatro Rodas. Foi presidente da Radiobrás de 2003 a 2007. É autor de 12 livros, entre eles: O Estado de Narciso; A Imprensa e o dever da liberdade; Em Brasília, 19 horas; Sobre ética e imprensa; e Videologias, com Maria Rita Kehl. Mantém uma coluna quinzenal no jornal O Estado de S. Paulo.

³ Disponível em português no livro **Entre o passado e o futuro**, da editora Relógio D’Água, de Lisboa, publicado em 1995.

⁴ As partes das reportagens podem ser lidas em português, em formato ampliado, no livro **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**, publicado pela editora Companhia das Letras em 1999.



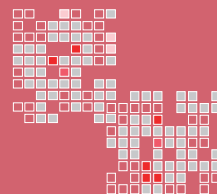
por mais limitado que seja para descobrir “toda” a verdade, esse trabalho é indispensável para que tomemos conhecimento do que se passa e, mais ainda, para que a própria política se efetive (Bucci, 2019, p. 27).

No que Eugênio Bucci atribui como uma combinação genial de investigação jornalística e reflexão filosófica, ele analisa que Arendt cobriu o julgamento com rigor: “Intuíva que a verdade dos fatos costuma se esconder de quem tem olhos politicamente engajados e só se revela ao observador que se dispõe a trocar o calor de uma turma partidária pelo frio da independência crítica” (Bucci, 2019, p.26). Enfim, um trabalho que exige independência e leva ao isolamento.

Em um artigo sobre a colega, com o título “*Hannah Arendt’s Communications Concept of Power*”, Jürgen Habermas (1977) lembra que ela já havia se deparado com uma constatação semelhante – expressa no artigo “Culpa organizada”, de 1944 –, de que nem todos os comandantes nazistas eram inconformados, criminosos sexuais, aventureiros, sádicos ou fanáticos pervertidos, como Goebbels, Streicher, Goring e Hitler; havia pessoas como Heinrich Himmler, que, mesmo com todas suas atrocidade no comando da SS, mantinha “todos os hábitos de um bom homem de família, que não traia a esposa e queria assegurar um futuro decente para seus filhos” (Arendt, citada por Habermas e McCarthy, 1977, p. 11). Enfim, ainda segundo a filósofa, uma espécie de burocrata assalariado que, diante das pressões de uma economia caótica, estava disposto a sacrificar a consciência, a honra e a dignidade humana por uma questão de pensão, seguro de vida e bem-estar da esposa e dos filhos. Será que tal análise também se aplicaria aos atuais asseclas de Trump e Bolsonaro? Mas isso é assunto para outro artigo.

Em sua reflexão-resposta de 1967, diante do isolamento e das críticas que recebeu, Hannah Arendt chega a colocar-se como a personagem do Mito da Caverna, já que, ao tenta comunicar sua verdade à multidão, sem as amarras dos apriorismos, foi hostilizada por aqueles que valorizam mais as ilusões e opiniões do que a própria verdade. Para ela, a situação de quem reporta a verdade factual é ainda pior: “Ele não volta de uma viagem por regiões situadas além do domínio dos assuntos humanos e não pode se consolar pensando que se tornou um estranho neste mundo” (Arendt, 1967, p. 52). Ela diz que a verdade factual subsidia o pensamento político, assim como a verdade racional subsidia a especulação filosófica.

Sobre este conflito ao qual a filósofa se deparou, Eugênio Bucci complementa:



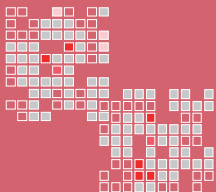
A vantagem é que a verdade factual é muito mais fácil de ser vista e assimilada. Ela não se confunde com a verdade metafísica, a verdade religiosa, a verdade filosófica – é simples, direta, evidente e tão material como o corpo de cada um. A verdade factual é um buraco no meio da rua, uma criança sentada num banco de escola, a dor no joelho, a fome que devora a esperança das famílias sem dinheiro, a alegria de pessoas que se amam andando de mãos dadas num parque ensolarado. A verdade factual é aquilo que conforma a realidade sensível e sobre a qual não pairam dúvidas práticas. Nada pode ser mais imediato e mais irrefutável do que a verdade factual (Bucci, 2019, p. 85).

Outro autor com quem Eugênio Bucci dialoga neste livro é Max Weber. Principalmente a partir de duas de suas palestras entre 1917 e 1918: “Política como vocação” e “Ciência como vocação” (Weber, 2011). Delas, ele resgata os conceitos de “ética da convicção” e “ética da responsabilidade” no fazer político, já que como surgimento do “político profissional”, deste é exigido que conheça os fatos, maneje os fatos e relate os fatos. Sendo que o jornalista é incluído pelo pensador alemão como um desses profissionais, mesmo que:

A maior parte das pessoas ignora que um “trabalho” jornalístico realmente bom exige pelo menos tanta “inteligência” quanto qualquer outro trabalho intelectual e, com frequência, se esquece tratar-se de tarefa a executar de imediato e sob comando, tarefa à qual impõe-se emprestar imediata eficácia, em condições de criação inteiramente diversas das enfrentadas por outros intelectuais (Weber, 2011, p. 80).

Bucci (2019, p. 119) sustenta que defender a verdade factual significa defender a liberdade de imprensa e a independência do jornalista, a quem cabe a verificação dos fatos. Algo que Hannah Arendt (1967) vivenciou na própria pele.

A narração da verdade factual compreende muito mais que as informações diárias fornecidas pelos jornalistas, ainda que sem eles nunca poderíamos encontrar nossa orientação em um mundo em constante mudança, e no sentido mais literal, nunca saberíamos onde estamos. Isso é da mais imediata importância política; mas se a imprensa se tornasse alguma vez realmente o “quarto poder”, ela deveria ser protegida contra o poder do governo e da pressão social com mais cuidado do que é dado o poder judiciário. Pois essa função política tão importante de fornecer informações é exercida de fora do campo político estritamente falando; nenhuma ação e nenhuma decisão políticas estão, ou deveriam estar, envolvidas (Arendt, 1967, p. 84).



No entanto, voltando aos casos do Brasil e dos Estados Unidos, e de seus governantes anti-imprensa, antiverdade e anticência, o que se observa é um total ataque à atividade jornalística; com agressões diretas, incentivos a atos violentos e completo desrespeito às instituições que defendem a democracia. Algo que foi antevisto pelo autor:

Estamos falando de defender a liberdade de expressão e o direito à informação contra a cruzada fundamentalista que ataca os jornalistas justamente quando os jornalistas acertam em cumprir seu papel político – não partidário – de verificar a verdade dos fatos. Essa cruzada obscurantista e antipolítica, empreendida por legiões que se regozijam no suicídio da consciência, não onde ser confundida com a crítica necessária que se deve fazer às franjas da imprensa que se adaptaram às matrizes do poder (Bucci, 2019, p. 120).

Nestes momentos de tantos achismos propalados como certezas, nada como a propedêutica para um retorno a conceitos básicos de temas tão necessários. A verdade não está lá fora, está na construção de uma razão crítica, fundamentada na sistematização do conhecimento.

Referências:

- ARENDETT, Hannah. Truth and Politics. *The New Yorker*, New York, p. 49-88, 25 Feb. 1967.
- BUCCI, Eugênio. **Existe democracia sem verdade factual?** Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019.
- HABERMAS, Jürgen; MCCARTHY, Thomas. Hannah Arendt's Communications Concept of Power. *Social Research*, Baltimore (MD), v. 44, n. 1, p. 3-24, Spring 1977. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40970268> . Acessado em: 21 Set. 2013.
- ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1984.
- WEBER, Max. **Ciência e política: duas vocações**. 18. ed., São Paulo: Cultrix, 2011.

